



## Alminhas de Salgueirais

*Elsa Amaral*

### I. Introdução

#### A povoação: origens e passado histórico

Salgueirais é uma das vinte e duas freguesias do concelho de Celorico da Beira no distrito da Guarda. Esta aldeia “serrana”<sup>1</sup> está integrada no *Parque Natural da Serra da Estrela* e é limitada pelas freguesias de Cortiçô da Serra, Linhares da Beira, Prados, Cadafaz e Mesquitela. Dista cerca de onze quilómetros da sede de concelho.

Em tempos terão sido abundantes os salgueiros, a tal ponto que esta espécie botânica vem deixar a sua marca no topónimo da povoação.

Quanto ao seu passado histórico, segundo Manuel Ramos de Oliveira<sup>2</sup>, existirão vestígios da presença romana no lugar próximo de Vara (cerâmica de construção). Na Quinta do Seixal, na sequência de trabalhos de prospecção em 1993, e de levantamentos arqueológicos em 1994 e em 2002, descobriram-se fragmentos de cerâmica comum e de construção à superfície que parecem indiciar a existência de um habitat que remonta, também, à ocupação romana e à *Idade Média*<sup>3</sup>.

No que respeita às origens do seu povoamento, não existem referências documentais conhecidas que nos permitam traçar no tempo a sua evolução. Ainda assim, alguns elementos observados levam-nos a arriscar a existência de um povoamento já consolidado desde o final da centúria de



quinhentos. Atente-se: encontramos vários edifícios cujos vãos apresentam moldura biselada, elemento arquitectónico característico de construções dos séculos XV / XVI. Um dos imóveis inseridos no núcleo mais antigo do povoado dispõe de uma inscrição cronológica no lintel da porta principal que nos remete para o século XVII – 1675. Diga-se ainda, que a Capela de Nossa Senhora das Neves, de dimensões modestas e de características marcadamente românicas, ter-se-á tratado da primeira igreja matriz da freguesia<sup>4</sup>, quem sabe, anterior ou contemporânea com as construções mais antigas. A actual igreja matriz apresenta os seus tectos pintados com a data de 1714<sup>5</sup>, sendo a torre sineira do século seguinte (1832), por conseguinte, bastante posterior às origens da povoação.

As invasões napoleónicas também deixaram a sua marca de violência na passagem que fizeram pela região e, particularmente, nesta pequena povoação. A atestá-lo a mutilação infligida na imagem de Nossa Sr.<sup>a</sup> do Ouvido que foi decapitada pelos soldados invasores. A sua imagem conserva-se ainda hoje na capela com o mesmo nome, sendo visíveis os sinais da barbárie.

No campo da justiça, sabe-se que Salgueirais esteve dotada de «juiz de vintena»<sup>6</sup>. Esta era a realidade judicial das pequenas povoações, “aldeias com jurisdição separada ou «vintenas», miniconcelhos com um «juiz pedâneo», ou «vintaneiro» de reduzida jurisdição, mas que, porventura, quase bastava para as modestas exigências administrativas e judiciais destas comunidades camponesas”<sup>7</sup>. Esta situação é alterada a partir de 1838 quando a freguesia é integrada no distrito judicial que incluía também Linhares da Beira.

Em 1855, mais precisamente a 25 de Outubro, é extinto o concelho de Linhares da Beira, ao qual Salgueirais pertencia, passando doravante a integrar o de Celorico da Beira onde hoje se mantém.

## II - Enquadramento histórico das *alminhas*

“O conceito de património arquitectónico não se limita mais aos grandes edifícios, inclui hoje expressões de arquitectura modestas, tanto rural como urbana, que obtiveram com o tempo um significado cultural”<sup>8</sup>.

Actualmente, a clássica noção de “monumento” foi ultrapassada por um conceito muito mais alargado que é o de património. Assim, este conceito congrega em si toda uma sociedade, as suas vivências, formas de estar e de pensar. É precisamente aqui que enquadrámos as *alminhas*.

A religião marca, inevitavelmente, a sua presença na povoação e o dia a dia dos seus habitantes. Em primeiro lugar porque os espaços urbanos encontram-se pontuados pelos edifícios de carácter religioso. Concretiza-se também nas badaladas do sino que chamam os crentes às cerimónias do terço ou da sagrada eucaristia ou ainda nas badaladas do *Anjo do Senhor*<sup>9</sup>. Por último, marcam presença no espaço exemplos da *arquitectura modesta*, neste breve estudo atentaremos sobre as *alminhas*.

O *culto das almas* é uma realidade a sublinhar em Salgueirais e encontra-se presente, de forma material, em pontos dispersos da povoação, nos pequenos blocos de pedra apelidados de *alminhas*. Trata-se de pequenos oratórios, maioritariamente construídos em pedra – as de Salgueirais são todas em granito – associados, por vezes, a outros materiais como o ferro ou o azulejo. Estes monumentos possuem em comum um nicho, de dimensões e configuração variadas, encimado por uma cruz latina. Regra geral, encontram-se destituídos de quaisquer elementos iconográficos. O Padre Francisco de Babo diz-nos que “(...) eram quase todos os quadros ou painéis pintados sobre zinco, madeira ou mesmo cal (...)”<sup>10</sup>. Na época aconselhou mesmo à substituição destes velhos painéis por outros em azulejo justificando a mudança com a durabilidade do suporte. Estes exemplos da arte popular cultural estão colocados em locais estratégicos de passagem, nos caminhos rurais, junto a campos agrícolas, nos limites das povoações, etc.<sup>11</sup>. Pretendiam pedir aos transeuntes orações que intercedessem pelas *almas do Purgatório*.

No que respeita às origens desta materialização do culto das almas, José António Rodrigues<sup>12</sup> aponta duas hipóteses (apesar de excluir à partida a primeira): assim, baseia-se em Leite de Vasconcelos, que pretendia recuar à civilização romana e ao culto aos deuses «lares» as raízes das *alminhas*; por outro lado, aponta as suas origens para o período das acesas lutas religiosas na Europa do século XIV/XV com a *Reforma Protestante* e conseqüente *Contra Reforma* da Igreja Católica. Os defensores

da reforma rejeitavam a ideia de *Purgatório* e a Igreja Católica reafirma-o. Como forma de o consolidar e difundir vemos surgir, as *Confrarias das Almas*, as *alminhas*, entre outras situações. A voz popular atribui a especificidade desta materialização do culto das almas ao nosso país<sup>13</sup>, traduzindo-a em versos:

*As «Alminhas» e o «Cruzeiro»,  
de tradição nacional,  
mal se topam no estrangeiro,  
são glórias de Portugal”*<sup>14</sup>

*Sem Alminhas nem Cruzeiros,  
o seu cunho original,  
Portugal seria tudo,  
tudo, menos Portugal*<sup>15</sup>

Manuel Ramos de Oliveira referiu-se às *alminhas* como “padrões imorredouros de reverente devoção do povo que lhes enche a alma de poesia mística”<sup>16</sup> e cita uma quadra anónima a seu respeito:

*As alminhas são legendas  
Cheias de cor e de graça  
São asas de luz e renda  
Mostrando o céu a quem passa*<sup>17</sup>

No nosso país as *alminhas* proliferam, principalmente, na zona a norte do Rio Mondego. O Padre Francisco de Babo<sup>18</sup> traçou-nos o percurso destes pequenos monumentos no século passado, onde destacou a atitude de “foice demolidora” do novo regime republicano<sup>19</sup>, quer face às *alminhas*, quer aos cruzeiros. Apelou então (1954) a uma atitude restauradora por parte do regime (na sequência das comemorações dos centenários em 1940) para com as *alminhas*, *cruzeiros* ou *capelinhas* que, na verdade, reabilitou largas centenas destes marcos religiosos. Hoje assiste-se a uma

acentuada inércia das autoridades face a estes fenómenos, esperemos que a tendência se inverta no sentido da sua preservação.

### III - As *alminhas*

Nos limites da freguesia de Salgueirais encontramos sete *alminhas*. Três delas estão localizadas sobre chafarizes, três em encruzilhadas e uma insere-se na parede de um imóvel.

As *alminhas* localizadas no chafariz à entrada da povoação (Fig. 1), como quem vem de Celorico pela estrada municipal E.M. 553, apresentam um trabalho de cantaria cuidado<sup>20</sup>. As *alminhas da Fonte do Velho* encontravam-se sobre uma fonte de mergulho a pouca distância – conhecida por *Fonte do Velho*<sup>21</sup>, daí a sua designação. A cornija tem um efeito duplo de cantos recortados. Destaca-se também um painel em alto relevo com igual configuração mas de menores dimensões. Neste encontramos trabalhado em baixo relevo um nicho, em forma de casa estilizada, *em capela*, encimado por uma cruz de hastes perfeitamente rectilíneas. Sob os braços existem dois círculos, também em baixo relevo. Sobre o painel a epígrafe PAI NOSSO – recentemente pintada a negro – parece apelar directamente às preces de quem passa.

Sobre o chafariz do Largo de Nossa Senhora do Ouvido estão colocadas as *alminhas do Cimo do Povo* (Fig. 2). O remate superior apresenta os cantos encurtados, assemelhando-se a um arco de volta perfeita mas um pouco abatido. A cruz sobressai em alto relevo sobre um nicho alongado com arco de volta perfeita em baixo relevo. Encontrava-se originalmente sobre uma fonte de mergulho, hoje inexistente, no mesmo largo.

No chafariz das Eiras<sup>22</sup> (Fig. 3), local de encruzilhada que na época constituía um dos limites da aldeia, estão dispostas as *alminhas* conhecidas pelo mesmo nome. O bloco granítico foi superiormente trabalhado em arco ogival imperfeito. A cruz, em alto relevo, apresenta as hastes horizontais destacadas. Sob esta, em baixo relevo, encontra-se um nicho de forma quadrada.

Noutro lugar junto às Eiras, estão outras *alminhas* (Fig. 4). Localizam-se sobre um muro que delimita campos agrícolas de um caminho rural, junto

a um pequeno aglomerado de casas. A cruz foi trabalhada em baixo relevo, destacando-se os remates das hastes horizontais e superior com acabamento trilobado. A metade inferior das *alminhas* onde se insere o nicho apresenta também um trabalho de baixo relevo, sendo este envolvido por uma “moldura” algo elaborada.

Na Rua Agostinho Saraiva, em pleno centro do núcleo populacional, encontramos as únicas *alminhas* inseridas na parede de um imóvel (Fig. 5). Estas assemelham-se às do *Lugar das Almas*. Apresenta os cantos superiores recortados, no entanto, o cimento que a envolve “disfarça” esse encurtamento. O nicho é superiormente rematado por arco de volta perfeita e a cruz que o encima apresenta os remates das hastes horizontais e superior trilobados.

Num local ermo denominado *Lugar das Almas* (Fig. 6), encontramos outro exemplar material do culto das almas. Estas situavam-se originalmente numa encruzilhada de caminhos agrícolas, todavia, na sequência da passagem de uma conduta de água da serra em direcção à povoação, levou à sua transferência para a berma da E.M. 555. Apresenta os cantos superiores recortados. Na cruz destacam-se as hastes horizontais com remate trilobado. O nicho, neste exemplar, é de menores dimensões que a cruz e dispõe de acabamento em arco de volta perfeita. As faces laterais deste monumento apresentam alguma decoração em alto relevo.

Na E.M. 553, no sítio da *Cruzinha*, assentes numa grande rocha granítica, dispõem-se as *alminhas da Cruzinha* (Fig. 7). Implantadas do lado direito da estrada, sentido Salgueirais > Linhares da Beira, encontravam-se originalmente no lado oposto da via (este exemplar é uma réplica da original). Trata-se de uma estrutura divergente das anteriormente descritas, assemelhando-se aos cruzeiros / pousos do Rochoso (freguesia do concelho da Guarda). Nestas *alminhas* continuamos a ter uma cruz e um nicho, todavia, trata-se de uma cruz rectilínea de secção quadrada disposta sobre uma base em *capela*. Este exemplar é o único cujo nicho se encontra preenchido com motivos iconográficos. Trata-se da *Nossa Senhora do Carmo* envolta numa aura celestial. Imediatamente em baixo, anjos transportam almas libertas do Purgatório pelas preces dos crentes. Sob o conjunto encontram-se mais figuras humanas, representando, portanto, as almas do

*Purgatório* envoltas em chamas. O painel está um pouco danificado, estando partido o canto inferior esquerdo, contudo, percebe-se que aí estaria escrito PAI NOSSO seguido de AVE MARIA. Sobre o conjunto inscreve-se a epígrafe JFS (Junta de Freguesia de Salgueirais) e, por baixo a data 1974. Sob o conjunto, fixa no embasamento que suporta as *alminhas*, encontra-se uma placa em mármore onde se pode ler: MERCÊ DA JUNTA DE COLONIZAÇÃO INTERNA E POVOS DE SALGUEIRAIS E QUINTÃS<sup>23</sup>.

No que respeita a uma atribuição cronológica, sabemos que as *alminhas* da *Fonte do Velho* e da *Cruzinha* se tratam de reproduções executadas no século passado na sequência dos danos que sofreram aquando da mudança de local. Não temos quaisquer registos sobre as originais bem como documentos que nos permitam estabelecer uma datação credível, quer para estas, quer para as restantes. É certo, todavia, que a memória das pessoas de mais idade, que hoje têm perto de 90 anos, sempre as conheceram nos actuais locais. No trabalho de campo realizado – no concelho – encontrámos *alminhas* dispersas que nos fazem recuar até aos séculos XVIII (no caminho rural, recentemente alcatroado, que liga o sítio do Barco às Lameiras (freguesia de Santa Maria) umas *alminhas* ostentam a epígrafe 1780) e XIX (na freguesia da Rapa, em pleno *Monte Verão*, encontrámos um exemplar numa encruzilhada com a data de 1821; num caminho rural entre o lugar das Lameiras e Celorico da Beira encontram-se outras datadas de 1867; por fim, em Vale de Azares observámos a data de 1888). Se compararmos algumas das *alminhas* de Salgueirais, nomeadamente as do *Lugar das Almas* ou as que se encontram encastradas no imóvel, com outras existentes em pontos dispersos do concelho (no trabalho de cantaria, na matéria-prima) poderemos apontar a sua edificação para os finais do século XVIII ou início de XIX (data hipotética).

#### IV - Conclusão

Estes pequenos monumentos são, portanto, símbolos materiais da crença cristã no *Purgatório* – espaço a meio caminho entre o *paraíso* e o *inferno*, onde se processa a depuração da alma dos pecados cometidos na

vida terrena. Esta purificação, e conseqüente libertação das almas para o descanso eterno, deveria ser acelerada pelos fiéis na terra, através de missas, esmolas e orações. Aqui encontramos uma justificação para a edificação das *alminhas*: confrontar os vivos com a morte e apelar às suas orações na salvação dessas almas. Por outro lado, o facto de se situarem, principalmente, nas imediações das povoações, parecem querer apaziguar as *almas penadas* e evitar as suas más influências entre o mundo dos vivos.

A atenção dada pelos mais velhos a este culto, que ainda hoje contribuem com as suas orações, tem vindo a ser substituída pela indiferença dos mais novos relativamente a estes pequenos oratórios (que desconhecem, frequentemente, a razão de ser da sua existência). Urge, cremos nós, um trabalho de inventariação destas estruturas, de localização, descrição, fotografia e desenho, por forma a evitar a sua perda irremediável.



#### Notas

- <sup>1</sup> OLIVEIRA, Manuel Ramos de (1997), *CELORICO DA BEIRA E O SEU CONCELHO, ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA TRADIÇÃO*, Celorico da Beira, Edição da Câmara Municipal de Celorico da Beira, pág. 57.
- <sup>2</sup> Ibidem, pág. 667, cf. também o site do IPA [www2.ipa.min-cultura.pt](http://www2.ipa.min-cultura.pt) em "Pesquisa de Sítios Arqueológicos".
- <sup>3</sup> Ibidem, pág. 667, cf. também o site do IPA supra referido.
- <sup>4</sup> Esta hipótese é referida por Manuel Ramos de Oliveira (1997); sublinhe-se que o original topónimo do espaço onde esta se implanta – *Chãos da Igreja* – parece vir reforçar esta teoria.
- <sup>5</sup> A data da capela-mor encontrava-se gravada no arco que a separa do corpo da igreja, contudo, certamente por acção das obras de restauro de que foi alvo, ela não é hoje perceptível. M. R. de Oliveira, na 1ª edição da monografia por nós citada (1939), aponta a mesma data.
- <sup>6</sup> OLIVEIRA, Manuel Ramos de, Op. cit., pág. 666.
- <sup>7</sup> MATTOSO, José (1992), *HISTÓRIA DE PORTUGAL*, vol. IV, Lisboa, Círculos de Leitores, pág. 39.
- <sup>8</sup> ALÇADA, Margarida (2001), «Património para o Século XXI», In *MONUMENTOS*, N.º 14, Lisboa, DGEMN, Março, pág. 135 e 136.
- <sup>9</sup> Era um toque de fim de tarde que apelava à oração e lembrava a criança que era hora de *recolha* (as pessoas de mais idade recordam com alguma saudade histórias ligadas a este toque). Ainda há poucos anos era um ritual diário.
- <sup>10</sup> Cf. BABO, Pe. Francisco de, «Alminha» PADRÕES DE PORTUGAL CRISTÃO, ANO MARIANO (1954), Porto, TIPOGRAFIA FONSECA, pág. 27.
- <sup>11</sup> Idem, Ibidem, pág. 10.
- <sup>12</sup> RODRIGUES, José António, «A Linguagem Simbólica das Alminhas», in Revista *Altitude*, Ano LXI, N.º 7, 3ª série, 2002, pág. 95 – 102.
- <sup>13</sup> Esta realidade cultural também faz parte da tradição religiosa de outros países de raízes católicas, nomeadamente de Espanha, país vizinho.
- <sup>14</sup> BABO, Pe. Francisco, Op. Cit., pág. 97.
- <sup>15</sup> C.M.L. (1986), «ALMINHAS» DO CONCELHO DA LOUSÃ, Lousã, Ed. Câmara Municipal da Lousã, pág. 6.
- <sup>16</sup> OLIVEIRA, M. R. (1997), Op. Cit., pág. 446.
- <sup>17</sup> Idem (1997), pág. 446.
- <sup>18</sup> BABO, Padre Francisco, Op. Cit., pág. 60
- <sup>19</sup> A implantação da República em 1910 trouxe a lei da separação do Estado e das igrejas e um certo radicalismo que se traduziu em atitudes destrutivas face a determinadas manifestações religiosas, nomeadamente às alminhas e cruzeiros.
- <sup>20</sup> Trata-se, segundo fontes orais, de uma réplica da original. A primeira ter-se-á partido aquando da mudança de local.
- <sup>21</sup> Esta fonte de mergulho foi tapada quando se construiu o chafariz à beira da estrada.
- <sup>22</sup> O chafariz possui a epígrafe JF, tratando-se, assim de uma obra da Junta de Freguesia datando de 1950. A demolição da fonte de mergulho, em frente, do outro lado da estrada, onde as alminhas originalmente estavam colocadas, levou então à sua mudança.
- <sup>23</sup> Esta entidade foi instituída pelo Decreto-Lei n.º 27 207, de 16 de Novembro de 1936. Dependia da Secretaria de Estado da Agricultura então afecta ao Ministério da Economia. Entre outros âmbitos, empreendeu projectos de renovação agro-pecuária e habitacional nos meios rurais *deprimidos*. (actuou em Salgueirais, Prados e Rapa).



**Bibliografia:**

BABO, Pe. Francisco de (1954), *“Alminha” PADRÕES DE PORTUGAL CRISTÃO, ANO MARIANO – 1954*, Porto, TIPOGRAFIA FONSECA.

BARROCO, Manuel Joaquim (1978), *Panoramas do Distrito da Guarda – Aportamentos referentes aos Concelhos e Freguesias do Distrito*, Guarda, Edição do Autor.  
Câmara Municipal da Lousã (1986), *«ALMINHAS» DO CONCELHO DA LOUSÃ*, Lousã, Câmara Municipal da Lousã.

GOMES, J. Pinharanda (1981), *História da Diocese da Guarda*, Braga, Edição do Autor.

GOMES, J. Pinharanda (1970), *SUBSÍDIOS PARA A BIBLIOGRAFIA DO DISTRITO DA GUARDA*, Lisboa, JUNTA DISTRITAL DA GUARDA.

MATTOSO, José (1992), *HISTÓRIA DE PORTUGAL*, vol. IV, Lisboa, Círculos de Leitores.

OLIVEIRA, Manuel Ramos de (1997), *CELORICO DA BEIRA E O SEU CONCELHO. ATRAVÉS DA HISTÓRIA E DA TRADIÇÃO*, Leiria, Câmara Municipal de Celorico da Beira.

PINA CABRAL, João (1985), «Os Cultos de Morte no Noroeste de Portugal», in *A morte no Portugal Contemporâneo*, org. Rui Feijó, Hermínio Martins e João P. Cabral, s.l., Quercó.

PIRES, Célio Rolinho (1998), «O Culto dos Mortos», in *PRAÇA VELHA*, Revista de Cultura da Cidade da Guarda, Ano II – n.º 4 – 1.ª série, Guarda, Câmara Municipal da Guarda, Novembro.

RODRIGUES, Adriano Vasco (1992), *CELORICO DA BEIRA E LINHARES. MONOGRAFIA HISTÓRICA E ARTÍSTICA*, 2ª Edição, s.l., Câmara Municipal de Celorico da Beira.

RODRIGUES, José António Afonso (2003), *Marcos de santidade nos caminhos do Rochoso. O silêncio dos costumes*, Coleção *o fio da memória*, Guarda, Câmara Municipal da Guarda.

RODRIGUES, José António Afonso (2002a), «ACOMPANHAMENTOS FÚNEBRES – RITUAIS FUNERÁRIOS EM POUSEDE», in *SEPARATA DA PRAÇA VELHA*, Guarda, Câmara Municipal da Guarda.

RODRIGUES, José António Afonso (2002b), «A Linguagem Simbólica das Alminhas», in *REVISTA ALTITUDE*, Ano LXI, N.º 7, 3ª série.

**Sites Internet**

Diocese de Vila Real, «Documentos», <http://www.diocese-vilareal.org/cultura/docs.htm>.

Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, «Alminhas em Peva», «Alminhas em Cidadelhe», <http://www.monumentos.pt>.

ROCHOSO, «Religião – As Alminhas», <http://mega.ist.utl.pt>

Junta de Freguesia de Granja de Ulmeiro, «Culto das Almas», <http://jfggranjulmeiro.home>

Sever do Vouga – Página de Promoção do Concelho, «Alminhas: PELAS ALMAS DO PURGATÓRIO...», <http://www.sever-vouga.net>



1

2

4

3



ARTIGOS

**Figuras**

1 – alminhas da Fonte do Velho

2 – alminhas do Cimo do Povo

/ de Nossa Senhora do Ouvido

3 – alminhas no chafariz das Eiras

4 – alminhas no lugar das Eiras

5 – alminhas na Rua Agostinho Saraiva

6 – alminhas no Lugar das Almas

7 – alminhas da Cruzinha



ARTIGOS